PROJETO CARTOGRAFIA DO ARTESANATO BRASILEIRO

RELATÓRIO - SÍNTESE

Belém - 2022

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

Projeto Cartografia do Artesanato Brasileiro Gestão Pública e Organizações Criativas
Equipe

EQUIPE:
Coordenação Geral
Prof. Dr. Silvio José de Lima Figueiredo – NAEA / UFPA.

Coordenadores de campo
Profa. Dra. Elis de Araújo Miranda – UFF;
Prof. Dr. Wilker Ricardo de Mendonça Nóbrega – UFRN;
Profa. Dra. Mirleide Chaar Bahia – NAEA / UFPA;
Profa. Dra. Maria Goretti da Costa Tavares – UFPA;
Prof. Dr. Amarildo Ferreira Júnior – IFRR;
Profa. Dra. Larissa Latif Plácido Saré – UFBA;
Profa. Ms. Claudia do Socorro Gomes da Silva – UFPA.
Profa. Dra. Eliana Bogea – UFPA

Pesquisadores
Roberta Gonçalves dos Santos – UFF – RJ;
Yuri Costa Moraes da Silva – UFF – RJ;
Rodrigo Pereira Pinheiro da Silva – UFF – RJ;
Bruna Galindo Moury Fernandes – UFRN;
Camila Rodrigues Ferreira – UFRN;
Isabella Ludimilla Barbosa do Nascimento – UFRN;
Juliana Azevedo Hamoy – NAEA / UFPA;
Thiliane Regina Barbosa Meguis – NAEA / UFPA;
Robert de Almeida Marques – UFPR;
Andressa Cavalheiro Ramos – UFPR;
Kassia Suelen da Silva Farias – NAEA / UFPA;
Odin Gabriel da Cunha Godinho – UFPA;
Vandileia Foro da Silva – UFPA;
Priscila Romana Moraes de Melo –UFBA;
Arthur Perdigão da Silva – UFPA.

Pesquisa de campo - Consultoria
Esp. Pedro Paulo Fernandes Franco;
Msc. Auda Edileusa Piani Tavares.
Werne Oliveira

Coordenação de logística
Esp. Bruno Gusmão;
Esp. Rosângela Mourão;
Bruno Conte.

Coordenação de cartografia
Ms. Wellingtton Augusto Andrade Fernandes – UFPA (Coordenador).
Paula Beatriz Rego Menezes - UFPA

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO, 4

2 – OBJETIVO, 6

3 - CATEGORIAS FUNDAMENTAIS, 6

3.1 - ARTESANATO

3.3 - ARTESÃO

4 – METODOLOGIA, 8

4.1 - VARIÁVEIS

5 - GESTÃO POLÍTICA DO ARTESANATO, 12

6 – SÍNTESE DOS RESULTADOS, 13

7 - DIFICULDADES ENCONTRADAS E ESTRATÉGIAS ADOTADAS NA PESQUISA, 14

1 - INTRODUÇÃO

Visando a criação de metodologia que consolide dados globais da economia criativa no mundo, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO construiu, a partir de 1986, um escopo de categorias culturais, com a definição de setores e atividades, para a realização de pesquisas e análises estatísticas – The Framework for Cultural Statistics (FCS). Com o passar do tempo, estas categorias e seus respectivos setores foram sendo ampliados no sentido de corresponder à evolução dos debates acerca de cultura e criatividade no desenvolvimento das nações. Na estrutura proposta pela Unesco duas macro-categorias organizam esses setores: os setores criativos nucleares e os setores criativos relacionados. O Artesanato encontra-se na categoria dos setores nucleares, pois é definido como de natureza essencialmente criativa, cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, traçado em narrativas a partir das ideias de agregação de valor, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica.

O Plano de Economia Criativa da Secretaria de Economia Criativa, vinculada ao extinto MINC, hoje na estrutura do Ministério do Turismo, e criado em 2011, definiu o artesanato como um setor de natureza essencialmente criativa, um setor cuja atividade produtiva tem como processo principal um ato criativo. Sem entrar nos meandros da origem e destino do produto artesanal para venda, o levantamento da produção artesanal brasileira vem demonstrar questões específicas desta produção no país, e principalmente as formas pelas quais os mestres e mestras artesãs, os grupos de artesãos e artesãs vêm se organizando para melhorar aspectos de produção e escoamento dos objetos produzidos, considerando ainda os distanciamentos e dificuldades de acesso desses produtores e as dificuldades em lidar com a venda direta e remota no mercado brasileiro e no mundo.

O Programa do Artesanato Brasileiro-PAB, programa gerido pela Subsecretaria de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas, Empreendedorismo e Artesanato da Secretaria de Desenvolvimento da Indústria, Comércio, Serviços e Inovação, do Ministério da Economia, define diretrizes para a gestão do setor no país e nos estados. Nos estados, conta com a parceria das Coordenações Estaduais de Artesanato, unidades responsáveis pela intervenção e execução das atividades de desenvolvimento do segmento.

Este painel de ações relacionadas com a produção artesanal, inclui diversos agentes, dentre os quais o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas

Empresas (Sebrae), universidades e institutos federais e suas incubadoras de empreendimentos e experimentos ecossocioeconômicos, institutos e organizações não governamentais, orgãos federais, estaduais e municipais de fomento, desenvolvimento econômico, cultura, economia criativa, turismo, entre outros. Aliado a estes agentes, encontram-se as coordenações estaduais e as associações, federações e cooperativas de artesãos, seja com objetivos de produção e comercialização, seja com objetivos de organização sindical e de direitos do trabalho.

Desta forma, evidencia-se a necessidade do conhecimento dos produtores organizados em associações, dos mestres e mestras, dos locais onde a comercialização pode ser realizada e das feiras e eventos que acontecem no país todo para evidenciar e fazer circular essas obras culturais. O projeto Cartografia do Artesanato Brasileiro vem ao encontro desse objetivo, criando um banco de dados público para acesso rápido e atualizado das principais ocorrências do artesanato no Brasil.

O projeto foi realizado pela Universidade Federal do Pará, com a parceria de outras instituições nacionais, e inventariou, registrou e cartografou todos esses elementos relacionados com o artesanato brasileiro, agregando aproximadamente 40 profissinais das mais diferentes regiões, inclusive alunos de graduação e pós-graduação das universidades e institutos parceiros.

A primeira fase da pesquisa iniciou ainda em janeiro e fevereiro de 2020, com *surveys* de reconhecimento em alguns locais, realizados de forma remota por conta do desencadeamento da pandemia do novo coronavírus. Na primeira fase apresentou-se de forma parcial os dados coletados por diversos meios e indicou-se a possibilidade de mapeamento de todos os elementos relacionados ao artesanato como bem cultural. Na segunda fase foi elaborado o Catálogo de Endereços do Artesanato Brasileiro, com os contados dos agentes encontrados na pesquisa de campo (remota e presencial) e por fim, na terceira fase, foi elaborada a cartografia do artesanato, com a criação de banco de dados georefenciados possíveis de consulta por todos que assim necessitarem.

2 - OBJETIVO

Mapear o artesanato brasileiro a partir das características culturais das regiões brasileiras.

3 - CATEGORIAS FUNDAMENTAIS

A fim de selecionar a amostra da pesquisa e circunscrever as principais características do artesanato que foi cartografado, foi necessário observar os conceitos preceituados na literatura científica, nas falas de artesãos e artesãs e nas legislações que definem o que é artesanato e o que é artesão. Estas definições são pormenorizadas em categorias relacionadas com diversos aspectos do saber/fazer artesanal e, para o projeto demandado pela Secretaria Especial de Cultura do Governo Federal, objetivou-se compreender o artesanato com referências culturais, tanto tradicionais, relacionadas a grupos específicos e com tradições específicas, quanto inspiradas e retrabalhadas na chave do artesanato tradicional e de seus mestres e mestras.

3.1 – ARTESANATO

O Artigo 19 da Portaria no 1007-SEI, de 11 de junho de 2018 determina que artesanato é toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturada através do emprego de técnicas de produção artesanal que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade. Nos parágrafos deste artigo, detalha-se ainda o que pode ser considerado como artesanato: o parágrafo primeiro define que serão aceitos produtos artesanais com referências a culturas estrangeiras, desde que tenham sido assimiladas por localidades com tradição imigratória. O parágrafo segundo explica que a produção artesanal que utiliza matéria-prima da fauna, da flora silvestre e de origem mineral deverá atender à legislação vigente específica, para obtenção dos registros necessários junto aos órgãos competentes. O parágrafo terceiro informa que "Técnicas de Produção Artesanal" consistem no uso ordenado de saberes, fazeres e procedimentos combinados aos meios de produção e materiais que resultem em produtos com forma e função que expressem criatividade, habilidade, qualidade, valores artísticos, históricos e culturais.

O quarto parágrafo do artigo 19 indica que tipologias do artesanato são as denominações dadas aos segmentos da produção artesanal utilizando como referência a

matéria-prima predominante e o quinto parágrafo define matéria-prima como sendo todo material de origem vegetal, animal ou mineral empregado na produção artesanal que sofre tratamento e ou transformação de natureza física ou química, podendo ser utilizado em estado natural ou manufaturado.

3.2 - ARTESÃO

A Lei nº. 13180, de 22 de outubro de 2015 define a Profissão do Artesão. Em seu Artigo 1º, o artesão é caracterizado como toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativada. O parágrafo único deste artigo informa ainda que a profissão de artesão presume o exercício de atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas e outros equipamentos, desde que visem a assegurar qualidade, segurança e, quando couber, observância às normas oficiais aplicáveis ao produto. O Artigo 3º informa sobre a identificação do artesão, que se dá pela Carteira Nacional do Artesão, válida em todo o território nacional por, no mínimo, um ano, a qual somente será renovada com a comprovação das contribuições sociais vertidas para a Previdência Social, na forma do regulamento.

Seguindo ainda a caracterização do artesão, o artigo 8º da Portaria no 1007-SEI, de 11 de junho de 2018 determina que artesão é toda pessoa física que, de forma individual ou coletiva, faz uso de uma ou mais técnicas no exercício de um ofício predominantemente manual, por meio do domínio integral de processos e técnicas, transformando matéria-prima em produto acabado que expresse identidades culturais brasileiras. Os parágrafos do artigo detalham essas características: O parágrafo primeiro ressalta que "Entende-se por domínio integral de processos e técnicas, a capacidade de realização do processo produtivo completo concernente à criação do produto artesanal". O segundo parágrado explica que o artesão poderá utilizar: I - artefatos, ferramentas, máquinas e utensílios para auxílio limitado, desde que seu manuseio exija ação permanente do artesão para executar o trabalho, e; II- moldes e matrizes, não comercializáveis, desde que tenham sido criados e confeccionados pelo próprio artesão para o seu uso exclusivo.

Sobre a categoria Mestre, o parágrafo terceiro ressalta que o artesão que se notabilizou em seu ofício, legitimado pela comunidade que representa e que difunde para as novas gerações conhecimentos acerca dos processos e técnicas do ofício artesanal é

considerado Mestre Artesão. O artista popular é definido no parágrafo quarto como o artesão autodidata, que cria de forma espontânea obras autorais únicas, atemporais, de relevante valor histórico e/ou, artístico e/ou cultural, que retratam o imaginário popular.

4 – METODOLOGIA

A fim de detalhar os aspectos mais relevantes das escolhas conceituais que produziram o banco de dados e a cartografia do artesanato brasileiro, a metodologia foi elaborada em duas etapas, no cenário pré-pandêmico e no cenário pandêmico. O ponto de partida foi a consideração da base territorial das situações e a divisão por regiões brasileiras. Estas regiões foram subdivididas pelos estados componentes das regiões. A coleta de dados se baseou no Plano Setorial do Artesanato - 2016/2025 (lançado em 2017), nas já citadas Lei nº 13180, de 22 de outubro de 2015 e Portaria nº 1007-SEI, de 11 de junho de 2018. Dentro das diversas categoriazações produzidas nestes documentos, selecionaram-se as categorias mais representativas para tratamento pelo projeto e levantamentos durante a pesquisa. Esta maior representação diz respeito ao entendimento de duas vertentes: o Artesanato Tradicional e o Artesanato Contemporâneo-Conceitual.

O artesanato de base tradicional aqui foi tratado como Artesanato Tradicional Popular e de Referência Cultural, e foi o principal foco da pesquisa, incluindo aí seus desdobramentos, influências etc. Diz respeito ao artesanato tradicional-popular produzido a partir de uma técnica que um grupo detêm e que é passada de geração em geração. Contempla Artesanato Tradicional, Arte Popular, Artesanato Indígena, Artesanato Quilombola e Artesanato de Referência Cultural.

O artesanato mais recente que envolve outros materiais e design mais contemporâneo também foi inventariado e pode ser entendido como Artesanato Conceitual e Artesanato Contemporâneo-Conceitual. É uma produção artesanal, predominantemente urbana, resultante da inovação de materiais e processos e da incorporação de elementos criativos, em diferentes formas de expressão, resgatando técnicas tradicionais, utilizando, geralmente, matéria-prima, manufaturada reciclada e reaproveitada, com identidade cultural. Este tipo de artesanato foi investigado em segundo plano, a partir dos pontos de venda e comercialização, e se representaram importância para grupos organizados, no caso de associações e cooperativas, ou movimentaram inovações a partir de referências culturais, ou ainda utilizaram de forma inovativa e importante materiais reciclados com capacidade de consumo ou outra característica observada em campo pela equipe de pesquisa.

O grande volume de informações foi organizado em torno das organizações criativas relacionadas ao artesanato, em grupos específicos étnicos-culturais, associações familiares e não familiares, associações sindicais, cooperativas, e outros tipos. Além disso, foram relacionados os principais centros de comercialização e exposição de cada região e as principais feiras e eventos anuais relacionados com a difusão e comercialização das peças destes grupos.

4.1 - Passos Metodológicos

Os passos metodológicos foram representados por técnicas de coleta, relacionados com a abordagem escolhida.

1º Passo: Pré-Diagnóstico

Levantamento das informações de pesquisa com dados secundários nos materiais sobre cada região e sobre artesanato brasileiro em geral. Identificação dos grupos que produzem artesanato, dos mestres artesãos, das associações e cooperativas, da atuação dos agentes etc; identificação das formas organizativas para produção e comercialização; identificação das feiras, mercados, feiras, festivais e mostras anuais; identificação das formas de comercialização e estruturação da difusão das peças –sites, redes sociais de internet, lojas virtuais, lojas físicas, centros culturais, centros de artesanato, museus, aeroportos, rodoviárias, centros turísticos.

2º Passo: Identificação dos agentes, espaços e suas características

Elaboração de quadro com agentes e suas características. Cada categoria de agentes, e nesse caso incluiremos os "espaços", que são administrados por iniciativas públicas, privadas e mistas. A partir desses agentes chegou-se às redes e arranjos de conexão.

3º Passo: Coleta de dados

Foram feitas entrevistas por diversos meios remotos, diretivas ou não diretivas, realizadas com agentes informantes chaves para entendimento do contexto e da situação da produção/comercialização do artesanato na base territorial definida, as regiões brasileiras. Estas entrevistas foram realizadas a partir de roteiros pré-estabelecidos, centradas em variáveis que responderiam aos principais questionamentos do projeto. Neste sentido, foram realizadas entrevistas presenciais ou por email, telefone e outros

meios com: artesãos, cooperativas, associações, gestores de espaços, organizadores de feiras, gestores de lojas.

As fotografias foram encaminhadas pelos artesãos e também compõem os dados do banco. Algumas foram coletadas ainda antes das limitações de circulação relacionadas à pandemia. Outras foram coletadas com alguns membros da equipe já vacinados.

Como são importantes para a base de dados as localizações nos mapas das regiões brasileiras, foram observadas as possibilidades de registro por endereço completo do espaço produtivo e de comercialização, ou por meio de uso de receptores de sinal GPS para obtenção de coordenadas geográficas para criação do Banco de Dados Geográfico (BDG).

4º Elaboração do relatório final

O relatório final de cada região brasileira foi elaborado a partir a inserção em quadros metodológicos com os dados essenciais para a elaboração do mapa. Além da elaboração do quadro, por região ou sub-região, foram elaborados breves textos contextualizando as regiões de forma geral, com as informações mais relevantes, conjunto de fotografias e outras imagens, e redes de conexão como arranjos, fluxogramas e quadros elucidativos.

4.2 - VARIÁVEIS

As variáveis foram definidas e contituíram os quadros de sistematização e os roteiros de entrevista.

Artesanato e Grupos

a) Artesanato, Tipo de artesanato, Descrição material/processo - Identificação; Expressão cultural – usos e costumes que retrata; Matéria-prima utilizada.

b) Grupos e artesãos - Identificação e se tem carteira de artesão.

c) Localização - Identificação

d) Características da produção: Funcionalidade – decorativa, utilitária, de adorno, lúdica, religiosa etc.; matéria-prima utilizada; habilidades que são desenvolvidas; sustentabilidade em relação à natureza; sazonalidade e temporalidade; inovações tecnológicas e reciclagem e reaproveitamento de materiais.

e) Tipo de organização da produção – se familiar, mista, organização coletiva, associativa e cooperativa (Núcleo de Produção artesanal – individual, familiar, mistos, associações, cooperativas e empresas artesanais – inclusive MEI);

f) Processo de comercialização - circulação, comercialização e intercâmbios da produção

g) Participação em associações, etc. - Identificação das coletividades.

h) Redes de Produção e comercialização

Agentes

Caracterização (Grupos, cooperativas, etc.); institucionalizado ou não (tem regimento?); endereço completo telefone e outros contatos; principais ações para a produção e comercialização; participação em feiras, eventos etc.; redes de produção e comercialização, entre outros.

Espaços permanentes de produção e comercialização ou mistos. Espeços de exposição.

a) Identificação - se há centros de comercialização e referência do artesanato brasileiro, se é espaço público, espaço conceitual ou loja, casa do artesão, casa de cultura, ponto de cultura, centros comunitários, espaços expositivos – museus, feiras temáticas, centros culturais e turísticos, feiras e mercados;

b) Caracterização - Tipos de artesanato; endereço completo telefone e outros contatos; formas de comercialização (como operam a comercialização com os artesãos e repasses); divulgação; redes de produção e comercialização.

Feiras, mostras e eventos itinerantes ou anuais

Características; local; quantidade de expositores; volume de negócios em Reais; organizadores; Redes – de produção e comercialização (naciona/internacional).

Arranjos (redes em todos os tipos de informação)

Redes e coletivos; redes solidárias e criativas

4.3 ENTREVISTAS

As entrevistas foram realizadas durante todo o período de pesquisa de campo e se estenderam até mesmo ao período de elaboração do banco de dados, para

complementação de dados e lacunas de informação. As entrevistas foram realizadas de forma remota e presencial, observando questionários específicos para grupos de agentes relacionados aos objetivos do projeto. Realizaram-se por meio de contatos telefônicos, reuniões virtuais, contatos via *WhatsApp*, envio de formulário *Google Forms*, visitas aos locais de produção e comercialização, e outros meios alternativos. Foram contactados artesãs e artesãos individuais; representantes de ONGs que atuem nessa área; representantes de pontos de cultura, associações e cooperativas; entidades representativas de classe - federações e confederações; coordenadores de espaços de comercialização (e de produção) e órgãos municipais e estaduais que atuam na área.

5 - GESTÃO POLÍTICA DO ARTESANATO

O artesanato tem ganhado programas e projetos específicos pelo governo federal mais precisamente a partir da década de 1970 do século passado. Há ações pontuais anteriores, mas essa década inaugura a sistematização de programas de fomento ao artesanato e ao artesão, como a elaboração do Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato (PNDA), em 1977. O Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) é criado em 1991 e passou por diversas mudanças, inclusive de vínculos a ministérios e secretarias (em 1995), e hoje está ligado ao Ministério da Economia. A entrada do SEBRAE no auxílio à organização dessa atividade é um marco também, evidenciado na criação do Programa Sebrae de Artesanato, em 1998. Outra grande contribuição é a criação da Secretaria de Economia Criativa, vinculada ao extinto Ministério da Cultura, e do Plano da Secretaria de Economia Criativa (PSEC), em 1911. O Plano Setorial do Artesanato - 2016/2025 (lançado em 2017) consolida a política pública na esfera federal e lança metas para os próximos anos.

Nos estados e municípios, existem diversos tipos de tratamentos para o setor. Nos estados, foram criadas Coordenações Estaduais do Artesanato, vinculas a diversas secretarias e órgãos públicos. Nos municípios, a temática é tratada por secretarias vinculadas ora à economia, ora à cultura, ora ao turismo, entretanto esse tema é concentrado nos municípios que possuem ocorrências significativas e representativas de artesanatos, bem como mestres artesãos de destaque.

Abaixo inserimos um quadro com todas essas representações.

Estado	Órgão	Coordenadora
Roraima	Secretaria de Estado do Trabalho e Bem Estar Social - SETRABES Programa de Artesanato de Roraimense - PAR	Maria Joilda dos Santos Freire

Amapá	Secretaria de Estado do Trabalho e Empreendedorismo – Sete	Paulo Moises da Silva Ruy Secco
Acre	Secretaria de Estado do Trabalho do Amazonas	Claudia Regina Oliveira Monteiro
Pará	Secretaria de Estado de Assistência Social, Trabalho, Emprego e Renda – Seaster	Silvia Reis da Silva
Amazonas	Secretaria de Estado do Trabalho do Amazonas	Claudia Regina Oliveira Monteiro
Rondônia	Superintendência Estadual da Juventude, Cultura, Esporte e Lazer – Sejucel	Anatália da Silva Mendes
Tocantins	Agência do Desenvolvimento do Turismo, Cultura e Economia Criativa	Lívia Iwasse Evangelista
Maranhão	Secretaria de Estado de Turismo do Maranhão	Carlos Roberto Martins dos Santos
Piauí	Secretaria de Estado da Cultura - SECULT	Jordão Costa
Ceara	Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos - SPS	Patricia D' Oliveira Araujo Liebmann
Rio Grande do Norte	Secretaria de Estado do Trabalho, da Habitação e da Assistência Social - SETHAS	Maria das Graças Moraes Cardoso Pereira Leal
Paraíba	Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico – SETDE	Marielza Rodriguez Targino de Araújo
Pernambuco	Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco – Ad Diper	Leilane Pessoa de Oliveira
Alagoas	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Turismo – SEDETUR	Daniela Chaves Vasconcelos
Bahia	Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte - SETRE	Luciana Embilina Pinheiro
Sergipe	Secretaria Estadual de Inclusão e Trabalho - SEIT Núcleo de Apoio aos Trabalhadores	Maria Ana Rosa Tavares de Souza
Mato Grosso do Sul	Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul - FCMS	Katienka Dias Klain
Distrito Federal	Secretaria de Estado de Turismo do Distrito Federal Sdc	Maria Auxiliadora Montador de Macedo
Mato Grosso	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico - SEDEC	Lourdes Josafá Sampaio
Goiás	Secretaria de Estado da Retomada	Miriam Helena Pires
Rio de Janeiro	Secretaria de Estado de Turismo	Saulo Ferreira Romay
Minas Gerais	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior	Thiago Tomaz de Souza
São Paulo	Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo	Juliana Arnaut
Espírito Santo	Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo - ADERES	
Paraná	Secretaria da Justiça, Trabalho e Emprego	Alberto Ricardo Opolz
Santa Catarina	Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico Sustentável – SDE	Ramon Fernandes
Rio Grande do Sul	Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social – FGTAS	Marlene Leal Garcia

Fonte: PAB

6 – SÍNTESE DOS RESULTADOS

Segundo o Plano Setorial de Artesanto, cerca de oito milhões de pessoas estão envolvidas com o artesanato no Brasil, isso significa uma imensa quantidade de

produções individuais, familiares, coletivas, em associação, operando na produção dessas peças e objetos. A partir do recorte metodológico da cartografia, foram identificadas as principais ocorrências de artesanato tradicional e inovativo, além das associações, centros de comercialização, exposição e visitação, e feiras e eventos. O quadro abaixo apresenta essa síntese, ainda em construção e com incorporação frequente até a elaboração do banco de dados da cartografia.

Regiões	Ocorrências	Associações, coletivos e outros agentes	Centros	Feiras
Sudeste	34	105	33	10
Centro Oeste	32	17	16	09
Nordeste	315	148	97	11
Norte	73	71	42	32
Sul	88	32	43	13

Fonte: Pesquisa de Campo

7 - DIFICULDADES ENCONTRADAS E ESTRATÉGIAS ADOTADAS NA PESQUISA

A pandemia dificultou os contatos iniciais com os grupos, órgãos e instituições. Nos períodos mais críticos, muitos formulários não eram respondidos e muitos agentes não se dispunham contribuir, pois estavam (e muitos ainda estão) com suas oficinas fechadas, e com a venda parada. Alguns inclusive não se prontificavam a atender a pesquisa por terem membros da família doentes. Em função da pandemia, só foi possivel conferir algumas informações coletadas na pesquisa de gabinete de forma remota com idas a campo a partir do segundo semestre de 2021. A checagem de dados seguiu por meios telefônicos, contatos virtuais e presenciais. Há uma grande quantidade de informações disponíveis na internet e essas informações, somadas às informações coletadas nas entrevistas junto aos gestores, produtores culturais e artesãos, foram inseridas nos relatórios e bancos de dados.

Apesar do acesso aos telefones e e-mail de artesãos, associações e dos gestores públicos, os contatos foram dificultados em função da baixa adesão destes aos pedidos realizados para preenchimento de formulário *online*. Apenas um pequeno número de artesãos, associações e centros de venda responderam à pesquisa. Foi relatado também, por alguns artesãos, as dificuldade com as tecnologias, o que talvez tenha dificultado a adesão à pesquisa.